

FRATERNIDADE SÃO JOSÉ – EXERCÍCIOS
31 DE JULHO – 3 DE AGOSTO 2014
SEXTA-FEIRA À NOITE

MEDITAÇÃO

Mozart, Sonata K304

Cantos: Amazing Grace
Razón de vivir

JULIÁN CARRÓN

Boa noite a todos. É um prazer, como sempre, vê-los e poder compartilhar, todos os anos, este momento tão significativo do caminho de vocês. Nesta ocasião, como vocês já sabem, retomaremos o capítulo VIII de *Na origem da pretensão cristã* que, pelo fato de o termos trabalhado recentemente na Escola de Comunidade, corremos sempre o risco do “já sabido”. Por isso, ficar atentos para não considerá-lo óbvio é fundamental, porque, por outro lado, por já tê-lo estudado e enriquecido com tantas experiências nestes últimos meses, temos a oportunidade de relê-lo tendo presente toda a riqueza que emergiu e, portanto, poder enfrentá-lo com um entendimento e uma consciência que podem torná-lo mais nosso. Ao invés de ser um obstáculo, o fato de ter trabalhado sobre ele pode fazer com que retomá-lo agora, algum tempo depois, nos leve a um ponto sintético, a fixar os pontos essenciais que ajudem a aumentar o entendimento e a autoconsciência de todos nós.

A primeira questão que é preciso esclarecer é o *objetivo* desse capítulo, colocado no fim do percurso da fé dos apóstolos que Dom Giussani faz ao longo do livro *Na Origem da Pretensão Cristã*. Porque muitos erram ou correm o risco de não compreender adequadamente qual é o sentido desse capítulo. Porque parece que o percurso da fé, que é o objetivo do livro, tenha já terminado depois da “revelação explícita” de Jesus. Então, parece que acrescentar esse capítulo sobre a “concepção que Jesus tem da vida” seja mais uma aula de antropologia sobre o que Jesus pensa do homem, ou da ética, do que parte de um percurso de fé. Ao contrário, Giussani o propõe exatamente como o ponto culminante do processo, o ponto culminante do percurso da fé, como o ponto mais luminoso, onde nós podemos ver qual é a pretensão de Jesus e qual a percepção que Ele tem da vida.

Já é um sinal significativo dessa dificuldade o fato de que, trabalhando sobre este capítulo na Escola de Comunidade, uma pessoa tenha dito que quando lia o capítulo, parecia que assumia as coisas ditas como verdadeiras, mas não partia de uma experiência feita. E, por isso, aquilo que lia não incidia sobre a vida, era apenas um aprendizado de algo a mais sobre a concepção que Jesus tem da vida, mais do que uma experiência realmente incidente na vida. Que diferença abissal existe entre uma coisa e outra!

Também contava uma moça do CLU:

“Lendo esse capítulo, me perguntei: será que eu encontrei um homem assim, com uma moralidade da qual brota o amor infinito pela pessoa? Não posso deixar de olhar para o momento em que fizemos os Exercícios do CLU, que acabou de terminar, porque naqueles dias experimentei a presença de um homem tão identificado com Cristo e me impressionou quando, no domingo de manhã, nos disse: ‘esta manhã pensei em vocês e senti uma grande ternura por vocês, uma ternura infinita pelo destino de vocês’. Surge de modo inevitável, a pergunta: quem é este que sente ternura por mim? E vi-me diante de um homem que é como eu, tem o mesmo desejo que o meu, a mesma carne que a minha, mas que me olha como se eu tivesse um valor infinito. E continua: acontece hoje uma experiência – como aquela de 2000 anos atrás”.

Acontece hoje. Essa é a diferença: que podemos ler este capítulo somente como uma série de coisas até verdadeiras, mas não partir de uma experiência. Essa moça continua: *“como pode acontecer, hoje, uma experiência que torna razoável o caminho que você nos propõe e, com essa gratidão no coração, me lançar na descoberta do cotidiano?”.*

Eu lhe perguntei: como aquilo que você disse lhe ajudou no seu percurso de fé? O que lhe aconteceu naquele final de semana dos Exercícios?

“Para mim, ajudou a ter as razões para estar aqui, quer dizer, para poder dizer: esse percurso me corresponde e me interessa”. Ou seja, para ela – lembro muito bem quando ela fez sua colocação na Escola de Comunidade – o fato presente fazia com que esse capítulo se tornasse não uma repetição de coisas ditas, mas algo que acontecia. E isso é crucial, porque o cristianismo é sempre esse acontecer, senão não entendemos nem as coisas verdadeiras que são ditas, porque as reduzimos.

Sempre me vem em mente uma coisa: imaginem a palavra “amor” – é uma coisa aparentemente muito simples, ao alcance de qualquer um –, mas todos nós sabemos como a palavra “amor” pode ser reduzida. Sempre fazia este exemplo aos meus alunos: se eu trouxesse para vocês um poema de amor e lhes desse todos os instrumentos para entender o poema – a métrica do verso, o vocabulário, se precisassem do significado de alguma palavra, a data da composição, o autor, a circunstância na qual foi escrito... – vocês acham que conseguiriam entendê-lo? Não sei por qual milagre, todas as turmas diziam: não. De fato, intuía que não bastava ter todos aqueles instrumentos para entender. Por quê? Porque um texto, um poema de amor é a expressão literária de uma experiência, e quem pode entendê-lo? Imaginem que uma pessoa leia o poema: quem o poderia entender? Somente quem parte de uma experiência, somente quem fez a experiência de apaixonar-se poderá entender, sem reduzir o seu alcance, a sua densidade, a sua profundidade. Porque, mesmo que vocês procurem no dicionário a palavra “amor”, embora ele dê a definição perfeita, todos sabemos o abismo que há entre a definição perfeita e toda a vibração, toda a intensidade, todo o terremoto, o vórtice que acontece em uma pessoa que se apaixona. Isso, nós não podemos encontrar no dicionário: precisa acontecer.

Por isso, entendo quando essa pessoa diz: posso dizer essas coisas como sendo verdadeiras, mas que distância há entre dizer coisas verdadeiras, sem ter objeções àquilo que se lê ou que se diz, e perceber essas coisas verdadeiras como experiência! É uma coisa completamente diferente! E essa é a questão: como entender essas coisas a partir da experiência?

E, então, a pessoa começa a entender por que Dom Giussani faz a *premissa* do capítulo. Não é que Dom Giussani faça essa premissa para complicar a vida. Não, é que sem essa premissa não poderíamos entender todo o alcance, toda a densidade daquilo que diz o resto do capítulo. E, por isso, muitas pessoas tiveram dificuldade para entender toda a densidade e toda a novidade do capítulo, pensando que fosse simplesmente uma boa reflexão antropológica. Dom Giussani diz que, para poder perceber todo o alcance daquilo que Jesus diz sobre a vida, é preciso uma “genialidade humana”, porque o valor de uma pessoa, a intimidade de uma pessoa, só se pode compreender através dos sinais, dos gestos que faz, que são como o sintoma através dos quais eu posso entender. *“Poderíamos compará-los com aqueles sintomas que, para o médico, são a manifestação de uma realidade não perceptível diretamente através da sua observação”*¹, são sintomas que dão a ele os indícios para entender do que se trata. Quanto mais o médico é genial, mais capacidade terá para avaliar os sintomas. Assim como o médico que sabe reconhecer a doença pelos sintomas, para colher e julgar os valores de uma pessoa através dos seus gestos, é necessária – diz Giussani – uma “genialidade humana”, *feita de sensibilidade natural, de educação completa e atenção*.

É importante, já desde o início, não se confundir: quando Giussani diz “genialidade humana”, não se refere a algum dote particular, como o que podem ter os chamados “gênios” – do qual a maioria de nós, que não nos consideramos gênios, pode se considerar excluída. Uma genialidade humana não é isso, e também não é uma irrepreensibilidade ética, como se precisássemos ser “santos” e como se somente o alcance de um certo tipo de santidade nos permitisse entender. O que Giussani chama de “genialidade humana” é uma “abertura original da alma”, uma disponibilidade para perceber o que acontece. Porque, se não, perdemos o melhor. E, por isso, tal abertura original da alma está ao alcance de todos, nós todos a temos como dom da nossa natureza. Fomos criados abertos, escancarados, e o exemplo disso é a curiosidade da criança: a criança chega e desde o início, mesmo sem ir à escola ainda, tem essa curiosidade na maneira de olhar, este estar com os olhos abertos, olhos que nos penetram, atentos a tudo. Essa seria a posição adequada para poder dar-se conta daquilo que temos diante de nós.

Por que Dom Giussani insiste sobre essa genialidade humana? Porque é crucial para podermos compreender, diz ele: porque, sem essa genialidade não podemos compreender, não podemos

¹ Luigi Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Ed. Companhia Ilimitada, SP/ 2012, p. 117.

perceber aquilo que acontece de estrepitoso diante dos nossos olhos. E dá exemplos. Imaginem dois sinais como o da cura do cego ou a ressurreição de Lázaro: dois fatos extraordinários. Quem podia entender todo o alcance daquilo que significavam? Somente quem estava disponível, quem estava aberto, quem estava escancarado, e dizia: “nunca vi uma coisa assim!”. O fato de que acontece nos provoca, nos escancara de um modo que nos desafia como nenhuma outra coisa. E aqui se vê se estamos realmente abertos, disponíveis para acolher todo o alcance daquilo que acontece ali: quem pode fazer acontecer uma coisa assim? Porque essa é a mesma coisa que acontece hoje, como testemunham tantos fatos que acontecem entre nós e que nos contamos todas as vezes que nos encontramos.

Alguém, que nestes meses estive nos Estados Unidos, escreve:

“Fiz uma experiência entusiasmante de encontro, além das expectativas. Parece-me que responde adequadamente às últimas provocações que está nos fazendo sobre o que é o essencial e sobre como o cristianismo, hoje, pode permanecer interessante para a nossa vida e a dos homens do nosso tempo. O que esses dois meses intensos nos Estados Unidos colocaram em evidência de modo claro é a centralidade do fator humano que, para mim, é expressão realizada, emblemática, da vocação. Aquilo que, mais do que qualquer coisa, impressionou e conquistou as pessoas que encontrei é o fato de que exista um ser humano assim, que existam pessoas que não censuram a própria humanidade. Você tem razão quando diz que o fruto do cristianismo é um a mais de humanidade, tanto que, diante desse espetáculo, as pessoas ficam incrédulas, como se dissessem: ‘de onde você vem, de onde você saiu? Não sabia que existia algo do gênero’. Um espanto que se torna ainda maior quando falo da minha vocação para as pessoas que encontro, a ponto de dizerem: é como se eu tivesse esperado toda a minha vida para encontrar algo assim!”.

Quem pode colher todo o alcance disso? – E quem o encontra, quase por acaso? –. Somente quem, diante do real que acontece, está assim, com essa curiosidade, escancarada. Por isso, diz Dom Giussani: para avaliar uma personalidade como Jesus, no passado ou no presente – não somente como recordação do passado, mas como experiência presente, *agora* –, é necessária uma “humanidade”. A “genialidade humana” é essa humanidade: para sentir o contragolpe da beleza e da correspondência que aquilo que vemos encontra em nós, é preciso que estejamos presentes por inteiro, nós somos necessários. Sem a minha humanidade, eu não entenderia. Pensem no amor: sem uma humanidade que vê a vibração do ser provocada pelo o outro que tenho diante de mim, sem toda a vibração que provoca dentro de mim a presença de quem amo, eu não poderia entender. Não porque não sou capacitado, não sou eticamente mais ou menos perfeito ou não sou mais ou menos inteligente... Não, não, é que não poderia entender de que tipo de experiência estamos falando. Por isso, essa humanidade, todos nós a temos, mas a questão é que muitas vezes não a usamos, não está disponível, pronta para interceptar aquela experiência. E, portanto, não entendemos, e tornam-se apenas frases, embora verdadeiras, que nós acolhemos porque, na verdade, não temos muitas objeções. Mas, como é diferente acolher as frases como “verdadeiras”, ou, ao contrário, sentir toda a vibração da sua verdade, da mudança que introduzem. Como é diferente – digo sempre – ler um romance sobre o amor e apaixonar-se. Completamente diferente. Mesmo que lendo-o você possa se emocionar. Mas, que aconteça como experiência é uma outra coisa! E Dom Giussani não quer apenas que aprendamos algumas frases, mas que façamos experiência. Por isso, sem essa premissa ao capítulo, se não nos damos conta de que é preciso a minha humanidade para poder entender – e a experiência amorosa é a mais significativa nesse sentido – não se entende o que significa encontrar um outro que tenha esse significado para mim. Sem essa humanidade, eu não entendo.

E, por isso, Dom Giussani insiste sobre o fato de que essa humanidade, essa genialidade humana, “*é algo com o qual a pessoa deve se empenhar continuamente*”². Essa é a responsabilidade da educação. De fato, o que significa empenhar-se? Porque, a humanidade, todos temos. Mas por que, depois, não é tão imediato colher todo o alcance das coisas que acontecem? Porque, para poder colher todo o seu alcance, é preciso que eu me empenhe com a minha humanidade.

Se eu, por exemplo, toda manhã acordo e a minha vida é uma confusão de sentimentos ou de estados de ânimo, e o que prevalece é essa confusão, se eu não me empenho com toda a minha

² Luigi Giussani, op. cit., p. 121.

humanidade para reconhecer que eu não sou somente isso, como diz Dom Giussani, não poderei dar-me conta do que é o outro. Imaginem também as pessoas casadas, que podem se levantar de manhã com uma confusão no estado de ânimo, e sequer se dão conta do valor do outro. Não é que o outro não esteja ali presente, mas se não se dão conta realmente de qual é a necessidade que têm, de qual é o desejo de amar que possuem, e não se dão conta do valor do outro, não entendem. Tudo é óbvio e tudo começa a se tornar árido, porque não basta a espontaneidade, é preciso que eu esteja de tal modo presente com a minha humanidade a ponto de poder colher aquilo que acontece.

Imaginem que vocês estão diante dos milagres do Evangelho. Diante deles seria necessário empenhar toda a própria humanidade, e empenhar toda a própria humanidade significa dar-se realmente conta de toda a própria necessidade, de toda a própria incapacidade de parar o arco da decadência e da morte. Dar-se conta de tudo isso, perceber que há uma Presença no meio do mundo e no meio da realidade que cura um cego de nascença e ressuscita um outro. Quem pode apreender tudo isso? Não quem vive distraidamente, mas quem é verdadeiramente consciente de toda a necessidade humana que tem. Isso é empenhar-se com a própria humanidade. Não parar e dizer: “não consigo sentir!”. O que importa se você não “sente”? O problema é que você se dê conta do quê precisa porque, se não se dá conta daquilo que precisa, sequer colhe os valores desses sinais que o Mistério coloca na sua frente, e eles não lhe mostram o alcance que têm.

Porém, você encontra uma pessoa que lhe diz: “isso que vejo em você, e que não sei de onde vem, de onde saiu, é exatamente o que eu estava esperando!”. E, daí, percebe esse algo excepcional, torna-se disponível a reconhecê-lo e não o confunde com alguma outra coisa. Porque – diz Dom Giussani – “*se a sensibilidade pela nossa humanidade não for constantemente solicitada e ordenada, nenhum fato, nem mesmo o mais evidente – como a ressurreição de Lázaro ou a cura do cego de nascença –, encontrará uma correspondência*”³.

Acontecem milhares de coisas como essas, mas não as percebemos. Por isso, depois de três anos, eles pedem um milagre a Jesus, pedem um sinal que arraste a sua liberdade. Veem? Sempre encontramos alguém para quem transferir a liberdade, de modo que não precisemos nos empenhar. Não, é exatamente porque sinto todo o desafio de uma humanidade assim, que posso entender todo o alcance que Ele tem.

Quando alguém se apaixona, não é que quer ser poupado da sua humanidade, quer ele mesmo estar presente, não quer que outra pessoa vá com ele ou com ela ao cinema ou tomar um café... Isso não existe! Quando vemos as coisas de fora, tudo nos parece pesado, mas é porque a nossa humanidade não está implicada! Porém, quando acontece algo do gênero, é exatamente então que quero estar mais presente. Por isso, Jesus nos diz: se eu tirar isso de vocês, o que vocês são? O que nós somos, uma vez tirada a liberdade de poder aderir à beleza que acontece diante dos nossos olhos? A humanidade não é algo que se deve impor, é algo que se coloca diante de uma atração tão clamorosa que sentimos o desejo de ir atrás dela. Então, quando acontece isso com alguém, não é que a pessoa quer ser poupada da sua liberdade.

Por isso, somente quem tem tal humanidade poderá perceber todo o alcance do capítulo VIII como um acontecimento, porque o alcance do capítulo oito não é de natureza moralista, mas de natureza *cognitiva*. Responde a uma pergunta: quem é Jesus? O capítulo inteiro é para responder a essa pergunta que Dom Giussani coloca na primeira linha depois da premissa: “*quem é Jesus?*”. Que é a mesma pergunta que surge em quem encontra uma humanidade diferente: de onde você saiu, quem é você?

Jesus responde a essa pergunta através dos gestos da sua personalidade. E qual é o gesto mais iluminador, o sinal mais significativo, o sinal mais evidente de quem é Jesus, de modo tal que possamos entender logo, sem precisar fazer um curso de teologia? O sinal mais evidente é o *sentimento global que Ele tem do homem*, a vibração que Ele tem para com o homem, a percepção que Ele tem do homem. Como alguém percebe qual é o valor de uma pessoa? A partir do sentimento global que tem da vida. E, então, quanto mais aparece diante dos olhos essa experiência da vida, quanto mais vemos que uma pessoa é capaz de despertar em nós toda a nossa humanidade e de nos fazer experimentar uma plenitude, uma intensidade humana antes desconhecida, então começamos a entender qual é o seu alcance. E isso é simples, pode acontecer a qualquer um, porque ali, naquele momento, eu dou-me conta do que está em jogo:

³ Idem.

“somente o divino pode salvar o humano”, pode levar o humano a essa plenitude, a essa intensidade, a essa superabundância que, sem Ele, não seria possível. Dissemos isso no ano passado, citando Maria Madalena: “Maria!”, a modalidade com a qual Jesus pronunciou o seu nome, a vibração com a qual Jesus pronunciou o seu nome, foi o que deu origem, fez entender qual era a percepção que Jesus tinha da vida.

E, por isso, é o ponto culminante do percurso, porque se Jesus não me dá esse a mais de humanidade, que razão há para acreditar? Isso é parte do caminho da fé, por isso, o ponto culminante do percurso da fé que Dom Giussani descreveu está exatamente aí, quando eu percebo isso.

Como continua contando o nosso amigo:

“Lembro-me das palavras de Guardini, que você repetiu bastante nestes últimos tempos. Essa revelação da divindade, que é Deus que salva o humano, ‘que se manifesta na existência viva de Jesus, não com manifestações ruidosas e grandiosos feitos, como a ressurreição de Lázaro, mas com um contínuo e silencioso transcender dos limites e possibilidades humanos, com uma grandeza e uma vastidão que se percebem inicialmente só como uma naturalidade benéfica, como uma liberdade que aparece com naturalidade, como humanidade simplesmente sensível [...] que acaba por revelar-se simplesmente como um milagre [...] um passo silencioso que transcende os limites das possibilidades humanas, mas muito mais portentoso que a imobilidade do sol e o tremor da terra’⁴.

Quer dizer, as pessoas – diz – são tocadas por esse ‘silencioso transcender o limite das possibilidades humanas’. Ou seja, quando estamos diante de alguém que transcende o limite – aquilo que chamamos Deus, isto é, Deus que salva o humano, Deus que está presente, que é operante e que se manifesta não porque temos visões ou porque os anjos aparecem, mas se manifesta como um a mais de desejo, como um a mais de sensibilidade, como um a mais de intensidade, em uma unidade, em uma inimaginável companhia para a vida. Companhia para a vida que uma amiga que conheci expressou com esses termos: uma amizade fraterna”.

Não tem nada haver com o cristianismo como a sepultura do desejo! Não, é o que exalta mais o desejo, o humano. E nós, como podemos entender o sentimento que Jesus tem da vida? Basta que nos digam que Jesus tem um certo sentimento da vida? Não, Jesus, para nos fazer entender, o faz acontecer e nos coloca diante de pessoas através das quais o podemos tocar com as mãos e, por isso, é muito simples o modo com o qual o Mistério se torna evidente aos nossos olhos, porque podemos apreender a estatura do homem exatamente aqui. E quando alguém vê um homem assim, “o coração que busca o seu destino”, o coração que tem essa humanidade, “percebe a verdade na voz de Cristo que fala; é aqui que o coração ‘moral’ percebe o sinal da Presença do seu Senhor”⁵: aqui estás Tu. “Porque trata-se – diz ainda esse amigo – de um dado objetivo visível e desejado por todos. Compreendi isso por ocasião das férias da comunidade do Texas, férias muito bonitas por causa do clima de liberdade que havia e da grande variedade dos participantes, com ateus, protestantes e até um muçulmano e muitas pessoas presentes pela primeira vez, que acabaram de encontrar o Movimento. Uma amiga ateia me ajudou a focar o centro da questão, dizendo-me, ao comentar sobre as férias: ‘O que me atrai e que eu busco para a minha vida, é uma vitalidade. Vitalidade, para mim, é a capacidade de estar vivo, de desejar, de estar diante de tudo, das dificuldades, da tristeza, do medo, e também das condições adversas e dos erros, próprios e dos outros. Vi essa vitalidade aqui de um modo forte, tanto que, antes, até me assustava. Não é que não a tenha visto em outro lugar, mas em poucas pessoas e por poucos momentos. Aqui, ao contrário, é como se estivesse disseminada, à disposição de todos’. Uma observação que me impressionou pela sua inteligência e pela inconsciente simetria com o que São Tomás de Aquino escreve sobre a verdade, quando diz que a verdade que a razão poderia alcançar sozinha sobre Deus seria de fato apenas para poucas pessoas, depois de muito tempo e não sem haver erros. Para tornar essa verdade mais universal e certa, teria sido portanto necessário ensinar aos homens a verdade através de uma revelação divina. [Isto é, o que vê é a revelação, é o acontecimento cristão da revelação]. O que ela chama “vitalidade” me parece descrever bem esse a mais de humanidade que nasce da experiência dessa revelação da fé que

⁴ Citado em Luigi Giussani, op. cit., pp. 90/91.

⁵ Idem, p. 123.

a vocação amplifica, que antes de tudo é a minha experiência, uma libertação, uma potencialização do humano”.

Esse é o conteúdo que a pessoa encontra em si, no qual pode reconhecer quem é Jesus sem que se faça uma definição teológica de Jesus. Percebo quem é Jesus naquele sinal que potencializa a minha humanidade, que a faz vibrar, que dá uma unidade, uma paz, uma alegria, uma letícia, uma capacidade de estar na realidade, desconhecida. Se não, não é Jesus, é um pensamento nosso, uma imagem nossa, é uma definição nossa.

“A experiência dos encontros desse período me fez compreender, antes de mais nada, que o homem de hoje não é tocado por uma particular forma de religiosidade. Hoje, existem possibilidades para todos os gostos, um pouco como no Império Romano do primeiro século”.

Mas esse não é o problema, podem existir protestantes, ateus, muçulmanos. Uma amiga nossa me dizia que um rapaz muçulmano foi às férias dos Colegiais e, num determinado momento ele disse a ela como o encontro que tinha feito com eles tinha despertado a sua religiosidade, e ele tinha levado a sério a sua religião islâmica. E fez uma observação agudíssima: *“Eu sou mais religioso do que vocês, porque levo muito mais a sério as minhas práticas religiosas; mas o que falta ao Islam, são os Colegiais”.* O que falta ao Islam são os Colegiais! Quer dizer, essa experiência. Até um rapazinho pode entender aquilo que lhe falta e pode identificá-lo quando o vê. Quem dera que nos déssemos conta daquilo que nos aconteceu...! Por isso, não é uma questão de discutir sobre religião, mas que as pessoas encontrem essa experiência.

“E o homem de hoje não tem necessidade de uma particular forma de religiosidade. Os apóstolos também eram religiosos, mas em suas vidas se impôs uma Presença que de um modo inimaginável resgata uma correspondência na realidade. Nesse sentido, há um anúncio verbal do fato cristão, mas há um anúncio feito na carne e na experiência que é mais potente do que o anúncio verbal, até pelo simples fato de que qualquer definição deve formular uma conquista já acontecida. E, na experiência, os fatores em jogo são mais acessíveis”.

Por isso, se tratamos esse capítulo simplesmente como uma série de definições, embora verdadeiras, não conseguiremos nem mesmo responder de modo adequado à pergunta: “quem é Jesus?”. Porque não é assim que podemos entender o que significa. Só poderemos entender o fato de que só o divino salva o humano se tornar-se experiência, dando-lhe uma intensidade e uma vibração que torna possível entender.

“E na experiência, os fatores em jogo são mais facilmente acessíveis, sendo o lugar onde a novidade que Cristo traz se manifesta e se torna vivível. No encontro com uma humanidade diferente, todos os fatores se unem e a distância entre intenção e experiência é anulada. Posso dizer que Cristo é o essencial porque está na origem desse a mais de humanidade que surpreende todos. Essa novidade que Cristo gera na carne é o essencial. É de tal forma essencial que todos podem compreender. É a única coisa que é preciso compreender, que é desejada por todos, tornando-se assim ponto natural de encontro entre as pessoas mais diferentes, independente do nome que se lhe queira dar. Não uma diversidade de práticas religiosas ou de doutrinas, mas uma novidade de vida, uma humanidade diferente, uma novidade na própria carne. Mas, em tudo isso, a coisa mais bonita é que eu sou o primeiro a participar dessa intensidade, dessa intensidade de relacionamentos, de vida, quer os outros reconheçam ou não”.

É essa experiência de intensidade que me torna livre, independente do fato de o reconhecerem ou não. Nesse ponto, me vem sempre em mente a frase de Dom Giussani que repetimos tantas vezes nestes anos: *“a fé é uma experiência presente”*, confirmada por esta, onde tenho na minha experiência a confirmação da sua verdade, independente do fato de os outros reconhecerem, de o chefe ou os vizinhos reconhecerem; fico tão satisfeito com essa experiência, que me torno livre daquilo que os outros pensam. Percebo a tal ponto a intensidade da vida que não preciso da confirmação dos outros.

Essa riqueza de humanidade é dada, primeiramente, a mim, porque esse é o método de Deus. Deus a dá a nós para que possa chegar a outros, porque essa humanidade, assim como ele a descreve, os outros sequer sabiam que existia, e a única modalidade para poder descobri-la é que a vejam diante de seus olhos.

“Daí, entendo também a graça de ter um lugar que eduque constantemente a isso [como o fato de participar de um lugar como este de vocês]. E, por isso, lhe agradeço pela paternidade e pelo incansável chamado de atenção que nos faz, porque dou-me conta de que só seguindo, somente participando dessa vida, a minha vida está se tornando um caminho entusiasmante na vocação

que, no entanto, acontece lentamente, de descoberta em descoberta". Somente a partir de uma experiência assim é possível entender o capítulo VIII, isto é, se eu posso percebê-la hoje em mim ou nos outros. Assim, se vê como Jesus nos faz entender o valor da pessoa porque nos faz fazer uma experiência assim, porque – é impressionante! – Toda a paixão de Jesus é pelo indivíduo, é um ímpeto pela felicidade do indivíduo que nos leva a considerar o valor da pessoa como algo irreduzível. Para Jesus, não importa nada além do que a sua felicidade. E como nos faz descobrir isso? Fazendo-nos fazer experiência do que Ele significa para a nossa felicidade, porque senão, como poderíamos responder à pergunta: quem é Jesus? Não com uma definição, mas experimentando que Ele é Aquele que enche a vida dessa felicidade. Quer dizer, fazendo experiência disso no presente. Sem fazer experiência disso, nós repetimos definições, mas a vida caminha para outro lado e, no fim, podemos dizer "Jesus, Jesus", mas não nos toma, não nos fascina. Sabemos que é Jesus não quando dizemos a palavra, mas quando somos arrastados pelo fascínio da Sua pessoa e da Sua Presença. Então, a pessoa entende que é feita para isso, isto é, para fazer mais a experiência da própria felicidade. Por isso, é importante ver como Giussani entende essa frase do Evangelho que tantas vezes nós lemos de modo moralista: *"que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?"*.

Para nós, muitas vezes é como se fosse o máximo da radicalidade da exigência do Evangelho, daquilo que Jesus exige. Porém, Giussani diz: *"nenhuma ternura [...] investiu o coração do homem mais que essa palavra de Cristo apaixonado pela vida do homem"*⁶. Uma inversão total. Mas, muitas vezes, nós não a vemos como uma ternura do Mistério para conosco. Porém é assim, é como se Ele dissesse: você não percebe para o quê foi feito, qual é a grandeza para a qual foi feito? Por isso, Dom Giussani insiste: *"ouvir essas perguntas feitas por Jesus representa a primeira obediência à nossa natureza"*⁷, ao nosso coração. Trata-se de não sermos surdos a essas perguntas, de nos empenharmos com a nossa pessoa para dar ouvidos a essas perguntas. E não tem importância qual seja o meu estado de ânimo, porque posso estar deprimido, mas se eu me coloco essa pergunta, qualquer que seja o meu estado de ânimo, se me perguntar: que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro – ou mesmo se mudar o estado de ânimo – mas perder a própria vida? Somente se a pessoa diz isso poderá entender, porque se somos surdos a isso, as experiências humanas mais significativas se perderão.

Às vezes, as pessoas fazem experiência de viver com a intensidade de uma *tampa de garrafa* e não entende nada, tudo é superficial, tudo é árido, e um instante depois não sobra nada, porque censurando essas perguntas não se empenhando com a própria humanidade, tudo é árido. Mas Jesus não quer nos trazer aridez, quer nos trazer essa densidade de vida para mostrar, ali, diante desse interminável desejo de felicidade, quem é Ele. O sinal mais evidente da Presença de Jesus é encontrar no presente alguém despertado por Ele. É o amor ao homem como destino.

E então entendemos que todo o valor da pessoa se funda nessa *dependência original*.

Na Escola de Comunidade, me disseram: muitas vezes, não percebo essa dependência como conveniente e, muitas vezes, parece um peso. Se a pessoa não parte da experiência, não resolve essa questão porque eu entendo até que ponto essa dependência é conveniente, como dirá Dom Giussani mais adiante, exatamente quando vejo que tipo de intensidade provoca. Porque alguém que escreve um testemunho assim não pode não perceber essa dependência como algo de único. Essa dependência, esse relacionamento constitutivo, *"quando reconhecido e vivido, é a religiosidade"*⁸, insiste Dom Giussani. Sem esse relacionamento constitutivo com Quem nos faz, não há possibilidade de haver um rosto, não há a possibilidade de sermos pessoas.

Olhem que esse é o drama do nosso tempo, porque quanto mais avança o deserto, mais o homem é reduzido, na percepção que tem de si, a todos os fatores antecedentes: eu sou como esse bolo de coisas, de sentimentos, de estados de ânimo, de aspectos psicológicos, biológicos, circunstanciais, sentimentais... uma confusão! A percepção que o homem tem de si é uma confusão. Isto é, não existe mais o eu: tudo é determinado pelas circunstâncias, tudo é determinado pelo estado de ânimo. Por isso, quando as pessoas veem um homem que diz "eu" estando diante do real, pergunta: de onde você saiu?

⁶ Luigi Giussani, op. cit., p. 124.

⁷ Idem.

⁸ Luigi Giussani, op. cit., p. 126.

Hoje, no Texas, nos Estados Unidos, nos pontos mais avançados desse deserto, em situações desse tipo, é mais fácil mostrar a novidade cristã. Basta ter feito experiência disso, basta tornar isso presente, tornar presente aos outros uma humanidade desse tipo. Por isso, *“é a descoberta da pessoa que, com Jesus, entra no mundo, e é a paixão por ela que faz de Jesus um mensageiro da dependência, única e total, de cada homem diante do Pai”*⁹. Por isso, a escolha diante da qual nos encontramos é: ou livre de tudo e dependente só de Deus, ou livre de Deus e escravo de toda circunstância.

Essa percepção do eu não reduzido aos fatores antecedentes, mas constituído por esse relacionamento com o Mistério, essa descoberta do eu como relacionamento direto com o Mistério, é a coisa mais revolucionária que possa existir, hoje. Por isso, na maioria das vezes, quando falamos sobre os nossos problemas, todas essas coisas são circunstanciais – você é mais do que todos os seus problemas! Mas, muitas vezes, isso sequer passa pela nossa consciência, pelo nosso modo de ser, pela percepção que temos de nós mesmos. Por isso, quando uma pessoa nos torna conscientes e faz emergir esse fato diante dos nossos próprios olhos, nos demonstra quem é Jesus e qual é a conveniência humana de Jesus. Por isso, Jesus nos diz: *convém a vocês*, a religiosidade convém para salvar a própria pessoa.

Esse é o motivo da insistência de Dom Giussani sobre a religiosidade – depois releiam todas as passagens, não posso me deter sobre elas agora – que, diz, *“é o primeiro dever do educador, quer dizer, do amigo”*¹⁰. Se quiserem saber se têm amigos, vejam se os ajudam nesse sentido, todo o resto são histórias. Isto é, vejam se é alguém que ao invés de resolver os seus problemas, lhe diz que, se quer resolvê-los, é preciso que você seja realmente um homem em relação com o Destino, com o Mistério, que você seja verdadeiramente religioso; é preciso que você se dê conta da sua dependência, porque isso é o que tornará você livre em qualquer situação. Se a pessoa responde de modo diferente, está brincando com você.

O problema é que muitas vezes nós, ao invés de educar ao fato de que realmente é possível encontrar uma consistência nessa dependência – como me diziam recentemente no Encontro dos Piores da Fraternidade, em Roma –, concebemos a Fraternidade ou o grupo de amigos como o lugar onde a enfraquecemos ao invés de exaltá-la. Desse modo, apenas nos fazemos mal, nos tornamos mais inconsistentes, mais incapazes de estar na realidade, porque o homem é mais do que todos esses fatores, é essa relação única com o Mistério, na qual está a consistência da vida. É por isso que – diz sempre Dom Giussani – o chamado de atenção mais potente de Jesus é sobre esse ponto. Dom Giussani insiste: o que nos dá essa consistência? O que dá essa consistência é a tomada de consciência de mim como dependência constitutiva, como relacionamento último com o Mistério. Eu não sou apenas aquele monte de coisas que acontecem na minha vida, não sou só aquela série de fatores antecedentes da minha vida; eu, qualquer que seja a minha situação, sou *relacionamento direto com o Mistério*.

O que tornava Jesus diferente era o seu relacionamento com o Pai. Não é que tivesse não sei quantas pessoas em sua volta, como se o estar juntos – “a união faz a força” – nos tornasse mais consistentes. Não, podemos ser uma soma de inconsistentes que nem por isso se tornam mais consistentes. E por que pensamos que “a união faz a força”, que nos tornamos mais consistentes se somos em maior número? Por causa de uma determinada concepção do eu.

Nestes dias, uma amiga nossa que está em Shangai falava sobre sua “chefe” no trabalho, uma chinesa muito bonita, de 40 anos, que não é casada, uma pessoa muito eficiente. Nossas amigas do Grupo Adulto a convidam para jantar, e ela fica impressionada com o que vê: que bonito poder voltar para casa e encontrar uma companhia assim! Mas diz: mas você, vocês, quando fecham a porta do quarto para ir dormir, têm o mesmo problema que o meu, que moro sozinha.

Vocês, da São José, entendem isso muito bem: não é que o fato de estar em casa com alguém resolva esse problema. Então, aquela pessoa tinha entendido que a razão que fazia com que aquelas mulheres fossem daquele modo não era simplesmente o fato de estarem juntas.

E Jesus, colocando diante de nós essa pergunta: “que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?”, está dizendo que essa desproporção estrutural, que esse desejo de plenitude, esse desejo sem fim, sem fundo, tem resposta somente n'Ele. E olhem a consciência que Dom Giussani tem disso: somente *“na oração – nessa consciência de si como*

⁹ Luigi Giussani, op. cit., p. 127.

¹⁰ Luigi Giussani, op. cit., p. 128.

dependência constitutiva – *a existência humana ressurge e adquire consciência*¹¹. Essa é a percepção que Giussani tem da vida. Se nós, quando vemos a nossa inconsistência, perguntamos: o que torna a pessoa consistente, onde queremos encontrar a consistência? Quem de nós pensa que a encontramos aqui? E é aqui que está a diversidade de concepção. Porque essa é a coisa mais difícil de se passar como conceito porque, no fundo, temos a mesma concepção de todos e achamos que a nossa consistência está fora de nós e, por isso, buscamos de todas as maneiras encontrar esse apoio externo. Não, a consistência está *dentro*, senão não existe. Como vocês podem entender a partir desta frase: *“na oração a existência humana ressurge e adquire consistência”*. Portanto, não está fora, e toda a nossa companhia, o nosso estar juntos, é apenas para nos introduzir a isso, se não fará de nós eternos inconsistentes.

O nosso estar juntos, se somos amigos, é somente para isso. Então, a pessoa entende quem é Jesus. Quem é Jesus? É o único que não brinca conosco, porque nos diz: vocês querem essa consistência? Não há outro modo se não nesse relacionamento único com o Mistério. Aquilo de que precisamos não é de um herói, é de um *filho*, de alguém que vive como filho, que vive essa relação com o Mistério. Por isso, somente o filho será verdadeiramente consistente. Porque *“a vida se exprime, portanto, como consciência da relação com quem a criou e a oração é percepção de que ‘neste’ momento a vida ‘é feita’*. E, portanto: *“maravilhamento devoto, respeito, submissão amorosa, [...] eis a alma da oração”*¹². Não tem nada haver com entediarmos: a oração é essa consciência. E, por isso, Dom Giussani diz: *“Só assim a solidão é eliminada [a chinesa tem razão e vocês, da Fraternidade São José, sabem muito bem disso]: na descoberta do Ser como amor que se doa continuamente. A existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, companheiro inseparável. A companhia está no eu”*¹³.

Essa última frase é quase uma heresia para a maior parte dos nossos modos de pensar. Mas é de Giussani. Reclamem com ele...

Provavelmente pensávamos ter entendido tudo. Não: *“a companhia está no eu”*.

Não é, como às vezes parece, um eu individualista. Não: é um eu que tem esse relacionamento constitutivo, essa relação constitutiva, não um eu individualista. Não existe um eu individualista, existe somente um eu que é *dependente agora*, porque *“não existe nada que façamos sozinhos”*: a companhia está no eu! E o homem se distingue das outras criaturas exatamente por isso, pelo fato de que é consciente de si e, portanto, a consistência está nessa consciência.

A oração é a primeira dimensão de toda ação e o ato da oração é o gesto através do qual nós nos treinamos a essa consciência. Por isso, perguntem-se que lugar a oração ocupa em suas vidas, se lhes falta, se lhes falta esse relacionamento constitutivo. Porque, às vezes, somos tão presunçosos que não lhe damos importância, como se fosse automático, como se tudo fosse óbvio. Mas sem isso não há consistência. Então, entendemos que muitas coisas que fazemos para termos consistência são inúteis se falta isso. É como se Giussani, em sua paternidade única, em sua seriedade com o viver, simplificasse a nossa vida: olhem que a consistência está aqui e, se não está aqui, não existe. E a expressão completa da oração é *pedido*. *“Obscurecendo aquilo a que a oração dá consistência, ou seja, a consciência da sua total dependência e do inevitável estado de pedinte”*¹⁴, o homem perde a si mesmo. Se nos perdemos é por isso, não pelos outros motivos que nós achamos. Porque quando alguém vive isso, pode estar diante de qualquer circunstância, como Dom Giussani nos lembra falando de quando o bispo o enviou aos Estados Unidos, e ele escreve a um amigo, de San Antonio, no Texas, dizendo-lhe que aquilo de que vivia era essa companhia, era esse companheiro. E quem é esse companheiro de quem fala, estando sozinho no meio do nada? Esse companheiro de quem fala, é aquilo que dizia agora: *“a existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, companheiro inseparável”*. Esse companheiro são as circunstâncias. Só precisamos disso. E Dom Giussani diz isso não quando prega aos outros, mas quando fala da sua experiência. Por isso, se não queremos perder a nós mesmos, precisamos entender aquilo que vemos acontecer como experiência, que é o que nos torna verdadeiramente nós mesmos, que nos restitui a nós mesmos,

¹¹ Luigi Giussani, op. cit., p. 132.

¹² Luigi Giussani, op. cit., p. 133.

¹³ Idem.

¹⁴ Luigi Giussani, op. cit., pp. 135-136.

mesmo quando estamos perdidos. Por isso, *“aquele que nos faz, faz-nos vida: perceber Aquele que nos faz coincide com o pedido de que nos faça vida”*¹⁵.

Estes dias são dados para isso, para esse crescimento da autoconsciência, como para dar espaço a essa consciência do que é Cristo, de quem é Jesus e de como é. A Sua amizade é para nos introduzir a isso. Como dizia Dom Giussani, Jesus nos liga a Si para nos levar ao Pai, para nos introduzir nesse relacionamento de Filho que Ele tem com o Pai, para nos tornarmos filhos no Filho – não heróis: filhos.

Desejo que esses dias sejam um passo a mais para essa consciência.

(Textos não revistos pelo autor)

¹⁵ Idem, p. 136.